

humanitas



Vol. LXIII
2011

géneros e sub-géneros literários, incluindo a sua valência de categoria épica na *Eneida*, como suporta uma visão ideológica sobre a sociedade romana e os seus agentes nas vertentes religiosa, social, literária, filosófica e política.

FRANCISCO DE OLIVEIRA

CERQUEIRA, F., GONÇALVES, A., NOBRE, C. SILVA, G., VARGAS, A., *Guerra e Paz no Mundo Antigo*, Pelotas, Universidade Federal, 2007, 297 p.

Foi publicada, há poucos anos, uma interessante colectânea de textos brasileiros que agora vem engrossar o acervo da biblioteca do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra. “Guerra e Paz no Mundo Antigo” resulta de um simpósio do Grupo de Trabalho em História Antiga da Associação Nacional de História, realizado em Londrina, Estado do Paraná, no ano de 2005. Os textos então apresentados sob forma de comunicação viram-se complementados por mais alguns na edição final do livro, que ficou dividido em quatro partes distintas, nomeadamente a guerra, a paz, os preparativos para a primeira e, por fim, as perspectivas sobre ela, tanto antigas como modernas.

Esta separação temática é uma necessária conveniência académica e, talvez exceptuando o último bloco, deveria ser tomada num sentido lato, visto que o fenómeno bélico antigo é transversal às distintas dimensões de quotidianos que, em larga medida, permanecem desconhecidos. Contrariamente a um inteiro leque de pretensões nesse sentido, a relação de um homem comum com o conflito não surge por empatia, muito menos quando se trata de uma sociedade antiga. Dois excursos iniciais – prefácio e introdução – parecem reconhecer que existe aqui, tal como noutras compilações semelhantes, um dilema processualista que, de certa forma, remete para outra divisão, menos perceptível mas ainda assim central à narrativa seguida pelo livro. Dado o seu formato, a heterogeneidade dos temas e dos próprios autores constitui simultaneamente uma riqueza e um certo entrave à sua sequência lógica. Incontornável, parte da questão prende-se apenas com as preferências do leitor; após uma consulta do índice, o autor destas linhas passou imediatamente para a página 63, a partir da qual César Carreras Monfort e Pedro Funari apresentam uma resenha de um tema caríssimo à arqueologia da Hispânia romana, a dizer o

aprovisionamento dos *limites* desde a Bética e outras regiões próximas. São bem poucas as áreas sobre as quais é possível realizar um estudo empírico suficientemente amplo para dele extrair conclusões de índole social, e o estudo anfórico é um deles.

O livro não começa, porém, com a questão anonária, e Fábio Vergara Cerqueira lança a primeira pedra com um trabalho sobre o papel do trompetista, em combate e em tempo de paz, a partir de uma selecção de fontes gregas. De acrescentar que o seu equivalente romano se mantém um tema igualmente aliciante, para o qual se registam bons ecos e que pode ser contrastado com os seus precursores gregos. Um entre vários episódios que saltam logo à memória é o da evacuação nocturna da fortaleza de Aliso, na sequência da derrota de Varo, em que o toque da dupla marcha funcionou como estratagema. O instrumento de sopro é, de facto, central e recorrente na guerra antiga. Segue-se um artigo sobre a violência associada aos combates de gladiadores, da autoria de Renata Senna Garrafoli. Muitas percepções modernas sobre este fenómeno, na esteira de outras, já de época antiga, padecem de um juízo de valor que turva uma análise neutra. Num certo contraste com as fontes escritas, a arquitectura, o urbanismo e os materiais arqueológicos não costumam favorecer preconceitos morais do século XXI. A título de curiosidade, as presentes linhas estão a ser escritas durante os curtos intervalos de escavação num anfiteatro lusitano. O texto de Gilvan Ventura da Silva sobre Vegécio encerra o primeiro bloco temático do livro. Uma oportuna ressalva sobre a doutrina luttwakiana serve de aviso às concepções muito lineares que por vezes se adscrevem à configuração militar tardo-romana. Quanto à essência do texto, as considerações sobre o manual de Vegécio incidem na oposição entre o ideal da disciplina romana e a força bárbara, inconjugáveis apenas em termos literários.

“Os confrontos bélicos e os seus efeitos” é um título ambicioso que dá o mote às participações seguintes, na primeira das quais Júlio Gralha resume os acontecimentos da batalha de Kadesh. A propósito, para alguns de nós, pouco iniciados na História do Egipto, esta campanha militar não será mais esquecida após uma magistral apresentação de Luís Manuel Araújo, publicada há algum tempo num formato semelhante ao que agora está em análise. “A Guerra na Antiguidade” é uma iniciativa lisboeta (já vai na quinta, com vénia a José Varandas e António Ramos dos Santos), e será por sinal um bom elemento de comparação com estes textos brasileiros. Voltando a eles, Tucídides é analisado por Anderson Zalewski Vargas, em particular na conhecida relação entre *stasis* e violência interna, exemplo

repetente nos manuais de História política. O artigo estabelece ainda uma outra relação com a própria natureza humana. Ana Teresa Marques Gonçalves menciona algumas batalhas entre Romanos e Partos, escrevendo uma sequência histórica baseada nos autores óbvios (Plutarco, Herodiano, Aurélio Vítor, Dion Cássio, Zósimo, etc.). Segue-se-lhe um estudo que pretende colocar em associação o exército romano e a numismática do século IV, da autoria de Cláudio Umpierre Carlan. Deixando de lado o aspecto introdutório, a página e meia de referência muito genérica às moedas em si deixou provavelmente algo a desejar, mas forma uma base para futura investigação. Mais à frente, os banquetes mesopotâmicos são tratados por Kátia Pozzer na sua valência diplomática, isto é, enquanto eventos protocolares destinados a uma espécie de cenografia hierárquica. Aduz interessante documentação de embaixadas estrangeiras, bem como outra, que mostra a clara sobreposição de política e religião. Um dos artigos mais cativantes é da autoria de Rafael Faraco Benthien, que apresenta uma profunda análise explicativa sobre comunicação visual na Grécia antiga, a partir de um trecho de Ésquilo, com bons paralelos literários, confrontando outras fontes antigas e questionando hipóteses. Por seu turno, Maria Aparecida de Oliveira Silva conduz o leitor a uma questão política e social fracturante, nomeadamente o suborno, e alguns dos seus efeitos decorrentes. O caso prático é oferecido por Plutarco, através da *Vida de Péricles*, sendo lido com conceitos-chave cívicos, tais como moralidade e costume, e com a sua possível degeneração. De seguida, o banquete é novamente trazido à colação (passe o jogo de palavras) por Regina Maria da Cunha Bustamante, desta feita num confronto de preconceitos cinematográficos e dados musivos norte-africanos, para chegar a uma explanação sobre o quotidiano das elites provinciais. O último capítulo deste bloco temático foi escrito por Fábio Faversani, e trata da formação de grupos sociais durante o Império. Os “pequenos impérios” referidos por Séneca estruturam o raciocínio, visto corresponderem aos diferentes níveis de comando, do doméstico ao militar. É introduzida uma dinâmica grupal que pretende exemplificar pressões sociais independentes e paralelos à hierarquia estatal.

Tal como ficou escrito, a colectânea termina com o tema das ideias clássicas e das retrospectivas actuais sobre guerra e paz na Antiguidade. André Bueno apresenta um artigo pleno de citações, que ultrapassam o seu próprio texto, identificando aspectos da filosofia chinesa, para chegar à conclusão de que no imaginário chinês a paz e a guerra equivalem ao yin e yang. Gladyson José da Silva estudou o aproveitamento moderno da figura

de Vercingetorix, tema popular que ao longo dos anos já ocupou uma multidão de historiógrafos. O autor focou-se no caso francês, mas é claro que a questão remete para os diversos nacionalismos europeus, e saltam à vista paralelos óbvios, como o “Belga” Ambiorix, o “Alemão” Hermann / Armínio, a “Britânica” Boudica, o “Romeno” Decébalos, e por aí fora, para não mencionar o próprio Viriato e a sua no mínimo complicada, leia-se inexistente, relação com a identidade portuguesa. Um apropriado final do livro consiste numa homenagem a um dos grandes historiadores do Império tardio: a opinião de Amiano Marcelino sobre a figura de Juliano é explorada por Margarida Maria de Carvalho e Pedro Paulo Abreu Funari.

Um comentário sobre o trabalho de outrem implica introspecção e, em consequência, a lembrança de algumas publicações próprias menos conseguidas. A alternativa às falhas seria nunca fazer absolutamente nada, e assim passar despercebido, isento de críticas mas também de produção. O livro em apreço tem altos e baixos, e mesmo estes revelam trabalho de investigação árduo. Se tiverem de ser referidos alguns pontos menores nesta colectânea, não se apontaria um texto em particular, destacando-se porém nalguns deles uma visão muito simples, quase caricatural, de assuntos demasiado complexos para serem ignorados, causando no leitor algum mal-estar ocasional. Por outro lado, mais do que uma contribuição não descola da citação de ideias alheias, sem efectivamente passar da enumeração bibliográfica para uma fase de interpretação. Estas duas notas reflectem as naturais diferenças qualitativas individuais entre investigadores, e não invalidam a excelente relevância científica da obra. É por isso de felicitar os participantes, e muito em especial a organização deste evento. Ao garantir uma publicação muito digna e ao mais alto nível, ela partilhou com outros, neste caso com Portugal, o trabalho dos nossos colegas brasileiros.

ADRIAAN DE MAN

CERQUEIRA, Fábio Vergara, SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.), *Ensaio sobre Plutarco. Leituras latino-americanas*. Pelotas, Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal de Pelotas, 2010. ISBN 9788560696-04-8.

A grande novidade desta publicação está no facto de reunir estudos sobre Plutarco da autoria de académicos exclusivamente sul-americanos